

Presidência do Senado indefinida

Sarney mantém o suspense até o último minuto e só hoje dirá se aceita a candidatura

Anamaria Rossi
de Brasília

O PMDB deu prazo até as 11h de hoje para o senador José Sarney (AP) decidir se aceita ser o novo presidente do Senado. A escolha do peemedebista que sucederá Jader Barbalho (PA) — que cumpriu o prometido e renunciou ontem à presidência da Casa — seria feita pelo partido no final da tarde de ontem. Foi adiada na esperança de que o ex-presidente aceite a incumbência de unificar o PMDB e pacificar os ânimos no Senado. O nome indicado pelo PMDB será submetido a votação no plenário às 17h.

Se Sarney não aceitar a proposta — defendida com mais ênfase pelo PFL de Jorge Bornhausen (SC) que pelo próprio PMDB —, a cúpula do seu partido deve manter o apoio ao líder da bancada, Renan Calheiros (AL). Neste caso, haverá disputa com os senadores José Fogaça (RS), que só retiraria a candidatura em favor de Sarney, e José Alencar (MG), que pretende manter-se na disputa em qualquer circunstância.

As articulações em torno de Sarney tomaram conta do plenário, on-

tem, antes e depois do discurso de renúncia de Jader. A cúpula do PMDB, que havia lançado Renan para a presidência, tentava garantir a desistência de Fogaça e Alencar em favor de Sarney, além do apoio dos demais partidos ao ex-presidente. Não conseguiu. Alencar garantiu que manterá seu nome na disputa. Além disso, não há consenso na oposição. Pelo menos dois senadores petistas têm restrições ao ex-presidente.

“Sarney está esperando a decisão do PT, que está vetando o seu nome”, disse, no início da tarde, o senador Édison Lobão (PFL-MA). Renan Calheiros também se referiu a um provável voto por parte do PT. “Não dá para as pessoas vetarem soluções internas do PMDB”, disse. O líder da oposição, José Eduardo Dutra (PT-SE), negou que houvesse qualquer voto ao nome de Sarney. “Ele tem problemas com o

Planalto e o PMDB está tentando colocar a culpa no PT”, afirmou.

Os petistas, segundo Dutra, preferiam ver José Alencar na presidência do Senado, mas respeitarão a escolha do PMDB. “O ideal é que a escolha não seja mais um round na briga entre Jader e Antonio Carlos Magalhães”, disse o líder da oposição. “Se for Sarney, as forças políticas entenderão que a vitória foi de ACM, que queria eleger-lo presidente no lugar de Jader. Se for Renan, dirão que é vitória de Jader.” A oposição já decidiu que não irá lançar candidato à presidência do Senado.

No PT, a tendência é de que a bancada seja liberada para votar como quiser.

Sem uma decisão de Sarney, José Fogaça preferiu registrar sua candidatura. “Não existe a candidatura Sarney, ela é apenas uma tentativa. Ele diz que só será candidato se houver consenso, e não há consenso”, afir-

mou. Alencar garante que não desistirá da disputa. “É um direito meu.”

O presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen, está seguro de que Sarney será sagrado, hoje, o presidente do Senado. “Ele vai reconsiderar sua posição e será eleito”, apostou. Bornhausen descarta, porém, a hipótese de unanimidade em torno do ex-presidente. “Conversei com ele por telefone sobre isso. Exigir a unanimidade é um problema, porque ninguém pode obrigar alguém a votar desta ou daquela maneira”, disse.

No PMDB, no entanto, há senadores menos otimistas em relação a Sarney. “Há pelo menos dois problemas: o PT não quer Sarney e o Pedro Simon também não, porque eles acham que desequilibra a disputa pela sucessão presidencial”, afirmou Ney Suassuna (PB). O desequilíbrio seria em função de uma eventual candidatura da governadora Roseana Sarney, do Maranhão, pelo PFL em 2002. “Se não for Sarney será Renan”, diz Suassuna. “A deglutição será difícil em algumas áreas, mas passará em 30 dias. Renan é o nome mais forte.”

O pano de fundo das negociações foi a renúncia de Jader. Em 40 minutos de discurso, o senador paraense reviu os pontos altos de sua biografia e negou mais uma vez que tenha quebrado o decoro parlamentar, na expectativa de convencer os integrantes do Conselho de Ética que julgam amanhã a abertura de processo contra ele. Jader questionou o relatório dos senadores Romeu Tuma (PFL-SP) e Jefferson Péres (PDT-AM), que o acusam de mentir ao negar envolvimento no desvio de recursos do Banco do Estado do Pará (Banpará).

“Se eu concordasse com as acusações levianas que são feitas contra mim, ao invés de negá-las, não estaria infringindo o decoro parlamentar?”, indagou Jader, comparando-se a Galileu Galilei, que foi obrigado a negar suas crenças no tribunal da Inquisição. “Meu crime foi ter sido presidente do Senado e colocado meu partido em posição inconveniente forte no jogo do poder no Brasil”, disse.



José Sarney